

SOBRE LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES: QUAL É A CHAVE QUE SE ESPERA?¹

Kátia Lomba Bräkling

PARA ENTENDER

Nas últimas décadas a demanda pela leitura e pelo domínio da linguagem escrita em nossa sociedade é cada vez maior. Basta abrir as páginas dos classificados em qualquer jornal para que nos deparamos com as exigências colocadas para os profissionais que estão à procura de emprego: é exigido do candidato às mais diversas funções que demonstre *domínio da língua portuguesa*, que seja bom ouvinte, que tenha boa comunicação verbal e escrita, português fluente, boa redação, facilidade de comunicação e um bom texto.

Sabemos que esta demanda não é exclusiva do Brasil, mas uma questão mundial, que hoje coloca o domínio da linguagem escrita como condição para a produção e acesso ao conhecimento.

Sobretudo a leitura é requerida para que se possa ter acesso a informações veiculadas das mais diversas maneiras: na Internet, na televisão, em outdoors espalhados pelas cidades, em cartazes que freqüentam, sistematicamente, os muros das ruas, nas mais diferentes placas, *folders*, impressos de propaganda, distribuídos insistentemente aos transeuntes, e, até mesmo, em receitas médicas e bulas de remédios.

No entanto, não é apenas para o mundo do trabalho que esse conhecimento é importante. Para a ampliação da participação social e exercício efetivo da cidadania, ser um usuário competente da linguagem escrita é, também, condição fundamental.

É decorrente dessa compreensão a necessidade que hoje se coloca para a escola: a de possibilitar ao aluno uma formação que lhe permita compreender criticamente as realidades sociais e nela agir, sabendo, para tanto, organizar sua ação. Para isso, esse aluno precisa apropriar-se do conhecimento e de meios de produção e de divulgação desse conhecimento.

Nas sociedades letradas, como a nossa, esse processo de apropriação está estreitamente ligado ao conhecimento da linguagem escrita, sobretudo no que se refere à leitura.

¹ BRAKLING, Kátia Lomba. Sobre a leitura e a formação de leitores. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Texto parcialmente publicado no portal www.educarede.org.br

Esse conhecimento, tal como hoje compreendemos, refere-se a um grau ou tipo de **letramento** que inclui tanto saber decifrar o escrito — *stricto sensu* —, quanto ler/escrever com proficiência de leitor/escritor competente, quer dizer, saber utilizar nas **práticas sociais** de leitura e de escrita as **estratégias e procedimentos** que conferem maior fluência e eficácia ao processo de produção e atribuição de sentidos aos textos com os quais se interagir.

No que se refere especificamente à leitura — nosso foco neste artigo — o que isso significa?

♦ Leitura: uma prática social

Significa, inicialmente, compreender que ler é uma **prática social**, que acontece em diferentes espaços, que possuem características muito específicas: o tipo de conteúdos dos textos que nele circulam, as finalidades colocadas para a leitura, os procedimentos mais comuns, decorrentes dessas finalidades, os gêneros dos textos. Por exemplo, em um consultório de dentista costumam estar disponíveis diferentes tipos de revistas, ali disponibilizadas para que os pacientes “passem o tempo” enquanto esperam seu horário; uma leitura de entretenimento, basicamente. Nessa situação, a leitura costuma ser feita em voz baixa, e é interrompida tão logo a presença do paciente seja solicitada pelo dentista. Os textos terão características bastante diferentes, proporcionais à variedade de cada revista e serão organizados em gêneros típicos da mídia impressa: artigos, reportagens, notícias, notas, classificados, propagandas, editorial, crônicas, por exemplo.

Em uma missa da Igreja católica, por outro lado, costumam circular os textos religiosos que constam da Bíblia, de missais e folhetos que orientam a participação no ritual. Nessas ocasiões, lê-se supostamente para retirar do texto algum ensinamento — já que os textos a serem lidos foram selecionados especificamente com essa finalidade —, ou para acompanhar o ritual, sabendo quais falas deverão ser realizadas. Nessa situação, é costume realizar leituras em voz alta, individualmente e em coro. A leitura que se realiza nesse espaço, quando se trata da Bíblia, é de pequenos trechos, não se tratando, dessa forma, de uma leitura exaustiva. Quando se trata dos missais ou dos folhetos orientadores, a leitura é quase instrucional, dado que orienta as pessoas sobre o que devem dizer nos diferentes momentos do ritual.

Quando se está em casa e se toma um romance para ler, por exemplo, pode ser para entretenimento e, dessa forma, a leitura será sempre extensiva (a obra toda, linearmente), ainda que realizada parte a parte.

Ao se participar de uma leitura dramática, sabe-se que uma peça de teatro será lida em voz alta e interpretada por atores. A finalidade colocada para a leitura é

interpretar dramaticamente o texto; para os que assistem, é apreciar a leitura que está sendo realizada pelos atores. Nessa situação, os textos serão sempre peças de teatro.

Ao mesmo tempo em que coexistem diferentes práticas sociais em uma mesma sociedade, em um único momento histórico, diferentes sociedades estabeleceram diferentes usos para a escrita e a leitura ao longo da sua história. Como afirma Marisa Lajolo,

“Em algumas sociedades, leitura e escrita eram privilégio de sacerdotes ou de governantes. Nas sociedades ocidentais — entre elas a nossa — embora tivesse nascido e se fortalecido na esteira da administração governamental e da catequese cristã, escrita e leitura muito cedo ganharam usos cotidianos.

Assim, além de repartições de governo, altares e púlpitos de igrejas, ambientes domésticos como salas de costura e varandas de fazendas, ao lado de pátios de hospedarias poucos de tropeiro e feiras livres transformaram-se em cenários de leitura.

Nestes espaços ora públicos ora privados, mas sempre coletivos, se liam e se ouviam ler textos muito diferentes daqueles que interessavam diretamente ao governo e à Igreja. Nestes espaços lia-se ficção (novelas, crônicas e romances) e ouvia-se poesia.²”

A leitura, enquanto prática social é, portanto, histórica.

♦ Leitura: processo individual e dialógico

Significa, também, compreender que ler é tanto uma experiência **individual e única**, quanto uma experiência **interpessoal e dialógica**. E isso nos remete diretamente à natureza do processo de leitura. Toda leitura é individual porque significa um processo pessoal e particular de processamento dos sentidos do texto. Mas toda leitura também é interpessoal porque os sentidos não se encontram no texto, exclusivamente, ou no leitor, exclusivamente; ao contrário, os sentidos situam-se no espaço intervalar entre texto e leitor.

Um texto é sempre produzido em um determinado momento histórico no qual se encontra definido um determinado horizonte de expectativas, derivado de um corpo de conhecimentos e informações disponível e compartilhado — em maior ou menor medida — pelos possíveis interlocutores.

Assim, quando um texto é produzido, alguns sentidos são pretendidos pelo autor, sentidos que são decorrentes da forma de compreender o mundo constituída naquele momento histórico específico em uma determinada cultura.

² LAJOLO, Marisa. **Leitura e Literatura na escola e na vida.** Capturado da internet no endereço www.proler.bn.br.

Uma leitura, igualmente, é decorrente do corpo de conhecimentos e informações disponível no momento sócio-histórico em que a leitura se realiza, o qual constitui uma determinada forma de ver o mundo. Dessa forma, ao leremos uma obra escrita em meados do século XVIII, por exemplo, certamente nos depararemos com determinados ideais estéticos de beleza feminina e masculina, com determinadas referências de educação e cultura que, não necessariamente, correspondem às que hoje circulam na nossa sociedade. Por exemplo: uma pele alva, e uma mulher “cheia de carnes” pode não corresponder à referência estética de beleza feminina de hoje, na sociedade brasileira (certamente, não corresponderá nunca aos ideais estéticos dos países de cultura africana...). Da mesma forma, o hábito de a mulher andar sempre protegida por uma “sombrinha”, o significado conferido ao ato de corar diante de uma fala um pouco mais atrevida de um homem, o efeito que provocava nos homens a visão de um tornozelo feminino, por exemplo,³ não são os mesmos que circulam hoje, na nossa cultura.

Assim, o processo de construção dos sentidos de uma obra de tal época será resultado do que for possível ao leitor de hoje compreender (e recuperar) sobre os valores que circulavam quando a obra foi produzida. Essa compreensão se dará de maneira circunscrita num horizonte cultural atual, que pressupõe outros valores; portanto, os sentidos não serão os mesmos que circulavam no contexto cultural de origem da obra, mas aqueles que forem possíveis ao leitor hoje, que resultarão permeados das nuances dos valores hoje vigentes.

Um aspecto importante de salientarmos é o fato de que as palavras são constituídas por um **significado** — que é estável, que é recuperável pelos falantes de uma determinada língua em um determinado momento histórico — e também por um conjunto de **sentidos** — que são decorrentes das experiências pessoais de cada um, constituídos a partir das referências particulares de cada falante ao logo da vida. Significado e sentidos constituem um amálgama indissolúvel, de tal forma que uma palavra nunca será a mesma para diferentes pessoas, embora possa ser compreendida no que tem de generalizável.

Assim, ainda que lida por sujeitos que coexistem em um mesmo momento histórico, uma palavra nunca será a mesma para diferentes sujeitos. Os sentidos de um texto, portanto, ao mesmo tempo em que são resultado de um processo pessoal e intransferível, dialogam, inevitavelmente com o outro: com o autor, com os outros presentes no corpo de idéias que constituía o horizonte cultural do momento de sua produção. A leitura, assim, é pessoal e, ao mesmo tempo, dialógica.

3 Veja-se “A pata da gazela” de José de Alencar.

♦ Letramento e leitura

Além disso, a leitura deve ser compreendida como parte de um processo mais amplo: o **letramento**. Este configura-se como um processo de apropriação dos usos da leitura e da escrita nas diferentes práticas sociais.

Nessa perspectiva, um leitor competente é aquele que usa a linguagem escrita — e, portanto, a leitura — efetivamente, em diferentes circunstâncias de comunicação; é aquele que se apropriou das **estratégias** e dos **procedimentos** de leitura característicos das diferentes práticas sociais das quais participa, de tal forma que os utiliza no processo de (re) construção dos sentidos dos textos.

Estes procedimentos e estratégias de leitura tanto são individuais e caracterizados como processos cognitivos de alta complexidade, quanto sociais, sendo decorrentes das especificidades das práticas sociais nas quais se realizam.

Além disso, também os elementos do **contexto de produção** dos textos devem ser considerados no processamento dos sentidos, dado que colocam restrições — e ao mesmo tempo possibilidades — que determinam os textos.

As estratégias de leitura

Ao lemos, fazemos usos de algumas **estratégias** que precisam ser consideradas no processamento de sentido dos textos. Estas estratégias referem-se à capacidade:

- a) de ativarmos o **conhecimento prévio** que temos sobre todos os aspectos envolvidos na leitura — conhecimento sobre o assunto, sobre o gênero, sobre o portador onde foi publicado o texto (jornal, revista, livro, *folder*, panfleto, folheto, etc.); sobre o autor do texto, sobre a época em que o texto foi publicado, quer dizer, sobre as **condições de produção** do texto a ser lido — para selecionar as informações que possam criar o contexto de produção da leitura, garantindo a fluência da mesma;
- b) de **anteciparmos** informações que podem estar contidas no texto a ser lido;
- c) de realizarmos **inferências** quando lemos, quer dizer, lemos para além do que está nas palavras do texto, ler o que as palavras nos sugerem;
- d) de **localizarmos** informações presentes no texto;
- e) de **conferirmos** as inferências e antecipações realizadas ao longo do processamento do texto, de forma a podermos validá-las ou não;
- f) de irmos **sintetizando as informações** dos trechos do texto;
- g) de **estabelecermos relações** entre os diferentes segmentos do texto;

h) de **estabelecermos relações** entre tudo o que o texto nos diz e o que outros textos já nos disseram, e o que sabemos da vida, do mundo e das pessoas.

Os procedimentos de leitura

Toda leitura que fazemos é orientada pelos objetivos e finalidades que temos ao realizar a leitura, e estes objetivos determinam a escolha de **procedimentos** que tornarão o processo de leitura mais eficaz. Assim:

- i) se estamos realizando uma pesquisa sobre determinado assunto, investigaremos quais obras podem abordar esse assunto, selecionando as que nos parecerem adequadas para uma leitura posterior: leremos o título, identificaremos autor, leremos a apresentação da obra, procurando antecipar se há alguma possibilidade de aquele portador tratar do assunto; procuraremos no índice se há algum capítulo ou seção que aborde o tema, por exemplo;
- j) nessa mesma pesquisa, selecionada a obra, procuraremos ler apenas os tópicos referentes ao assunto de nosso interesse, e não, necessariamente, a obra toda;
- k) se estivermos estudando determinada questão, leremos o texto intensivamente, procurando compreender o máximo do que foi dito pelo autor;
- l) se estivermos selecionando textos que nos possibilitem trabalhar com variedades lingüísticas, por exemplo, o nosso critério será temático e, dessa forma, buscaremos indicações sobre qual o tema e o assunto que os textos abordam;
- m) se estivermos procurando revisar nosso texto para torná-lo mais adequado, buscaremos pôr todos os elementos que possam provocar um efeito de sentido diferente daquele que pretendemos.

Como se pode ver, os objetivos que podem orientar a leitura podem ser vários:

Ler para:				
Obter uma informação específica	Obter uma informação geral	Seguir instruções (de montagem, de orientação geográfica...)	Aprender	Revisar um texto
Construir repertório — temático ou de linguagem — para produzir outros textos	Apresentar oralmente um texto a uma audiência (numa conferência, num sarau, num jornal...)	Praticar a leitura em voz alta para uma situação de leitura dramática, de gravação de áudio, de representação...	Verificar se houve compreensão (reler)	Prazer estético

A estes objetivos correspondem também vários procedimentos:

Uma leitura:	
Integral	Leitura sequenciada e extensiva de um texto
Inspecional	Quando se utilizam expedientes de escolha de textos para leitura posterior
Tópica	Para identificar informações pontuais no texto, localizar verbetes em um dicionário ou enciclopédia
De revisão	Para identificar e corrigir, num texto dado, determinadas inadequações em relação a uma referência estabelecida
Item a item	Para realizar uma tarefa seguindo comandos que pressupõem uma ordenação necessária
Expressiva	

Ter clareza dos objetivos que orientam a nossa leitura nos possibilitará selecionarmos os procedimentos mais adequados para realizá-la.

Ler, como se vê, é uma atividade complexa. A proficiência leitora envolve o domínio dos aspectos discutidos acima.

Nessa perspectiva, qual é a tarefa que cabe à escola?

NA ESCOLA...

Vimos que a finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno.

Ao mesmo tempo que a escola necessita criar pautas interacionais que possibilitem aos alunos apropriarem-se dos diferentes aspectos envolvidos no processamento dos textos, a própria proficiência leitora dos alunos é condição para esse processo de apropriação, dado que a escola é uma instância social de interação

verbal que se vale do conhecimento sobre a linguagem escrita para cumprir a sua função, que é ensinar.

Nessa perspectiva, é fundamental que todos os educadores — em especial os professores — estejam atentos para essa questão. Conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos, é condição indispensável para uma aprendizagem efetiva, quando esta pressupõe a leitura de textos escritos.

Um professor de Matemática, por exemplo — assim como de qualquer outra área —, tanto necessita ter informações gerais sobre o processamento dos sentidos de um texto quanto informações específicas sobre as características dos textos que circulam em sua aula — as situações-problema, os enunciados de exercícios, os textos expositivos que sistematizam conhecimentos — e que são típicos de sua área de conhecimento. São estas informações que possibilitarão a ele uma intervenção de efetiva qualidade.

Da mesma forma, os professores de Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, Língua Estrangeira, entre outras áreas. Isso não significa, no entanto, que o professor de Língua Portuguesa dará à questão da leitura o mesmo tratamento.

A ele, evidentemente, caberá um tratamento mais aprofundado tanto das especificidades dos gêneros discursivos que mais circulam nas outras áreas do conhecimento, quanto àqueles que não circulam prioritariamente em nenhuma, mas que podem e devem ser trabalhados em todas — como os da mídia impressa, televisiva e radiofônica, entre outros — e também os literários.

Nessa perspectiva, os conteúdos que o professor de língua portuguesa deverá eleger como prioritários para o trabalho devem constituir-se como conhecimentos dos quais os demais professores se utilizarão para realizarem a leitura dos textos que selecionarem para trabalho. Mas, como em certa medida conhecimentos específicos e procedimentos de leitura são inseparáveis, isso não deve eximir o professor de outras áreas de trabalhar com esses aspectos, sendo que ênfases diferentes é que constituem as especificidades das diversas áreas. Para os demais professores, os conteúdos específicos de leitura, em si, devem ser instrumentos, ferramentas a serem utilizadas para se buscar a compreensão do conteúdo específico de sua área — foco de seu trabalho. Quer dizer, se o professor de Língua Portuguesa deverá tematizar as estratégias de leitura, estas serão pressupostos dos demais professores no processo de atribuição de sentido aos textos que tratarão dos conteúdos específicos de sua área. De tal forma que, se um aluno atribui um sentido equivocado a um texto lido, ele consiga diagnosticar qual o problema — uma inferência inadequada, uma antecipação incorreta, por exemplo — e (re)orientar sua ação para auxiliar o aluno a resolver o problema — ler junto, buscando descobrir qual o índice linguístico que o aluno utilizou para atribuir o sentido indesejado

e oferecendo a contrapartida, quer dizer, explicitando o equívoco e oferecendo novas referências para a significação.

O professor de outras áreas precisa, dessa forma, saber quais são as estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza para poder utilizá-los de maneira compartilhada com o aluno, de forma que este de aproprie dos mesmos.

O professor de Língua Portuguesa deve tomar as estratégias e procedimentos de leitura como objeto fundamental de trabalho e aprofundar esse conhecimento no que se refere às especificidades dos gêneros, de maneira mais sistematizada.

No ensino de Língua Portuguesa — sobretudo no Ensino Fundamental —, os conteúdos, no geral, têm um caráter procedural, considerando que se trata de tematizar todos os conhecimentos com os quais se opera na prática de linguagem. Não que isso signifique que não haja conceituação no processo de compreensão de tais conhecimentos, transformados em conteúdos de ensino.

Significa, apenas, que a dimensão procedural *predomina* no trabalho com linguagem, dado que se trata de aprender a participar de práticas sociais, e não de elaborar definições a respeito de tais conteúdos ou de apenas organizá-los de maneira sistematizada.

A sistematização/organização dos conhecimentos é processo que irá sendo tratado à medida que as necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos determinem, e que irá se complexificando à medida que avançam os anos de escolaridade.

De maneira geral, os conteúdos de ensino relacionados à leitura são os mesmos para os diferentes ciclos e níveis de ensino. O que os diferencia é o grau de aprofundamento com que irão sendo tratados ao longo do processo de escolaridade, em função do **grau de complexidade** dos textos e gêneros selecionados para trabalho, que implicará **graus de dificuldade** distintos para os alunos.

Por exemplo, ler um conto policial pode ser uma tarefa que apresente graus de dificuldade diversos para os alunos. Para aquele que tiver maior familiaridade com o gênero, com o assunto tematizado no texto, com a linguagem utilizada pelo autor, poderá ser uma tarefa fácil. No entanto, para aquele que desconhece o gênero, por exemplo, a dificuldade será diferente, pressupondo novas aprendizagens.

“Uma charge política, por exemplo, supõe conhecimento de mundo e experiência político social que podem não estar dados para um aluno de onze anos. Dessa forma, sua leitura pode diferenciar-se tanto da que for realizada por um aluno de 14 anos, quanto da que for feita por um de 17. O mesmo raciocínio se aplica a um poema, uma crônica, uma notícia, uma carta de solicitação ou uma reportagem. Nesse sentido, a intervenção do professor e, consequentemente os aspectos a

serem tematizados, tanto poderão ser diferentes, quanto poderão ser os mesmos, tratados com graus diversos de aprofundamento.”⁴

Nessa perspectiva, é a especificidade das práticas sociais — declamar um poema em um saraú, fazer uma leitura dramática de um texto de teatro, ler jornal em casa pela manhã, ler um texto para estudar, entre outras — e dos gêneros e textos selecionados para trabalho que determinará o tratamento que será dado aos conteúdos de leitura, que serão os mesmos nos diferentes ciclos e níveis de ensino. Quais sejam:

ESTRATÉGIAS DE LEITURA	Ativação de conhecimento prévio e seleção de informações
	Realização de inferências
	Antecipação de informações
	Localização de informações no texto
	Verificação de inferências e antecipações realizadas
	Articulação de índices textuais e contextuais
	Redução de informação semântica: construção e generalização de informações

PROCEDIMENTOS DE LEITURA	Leitura inspecional
	Leitura tópica
	Leitura de revisão
	Leitura item a item
	Leitura expressiva

O trabalho com estes conteúdos deve pressupor uma organização de atividades em algumas modalidades didáticas fundamentais:

⁴ MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o ensino Fundamental (5^a a 8^a série).** Brasília (DF): MEC/SEF; 1998.

- a) leitura colaborativa: a leitura em que professor e alunos realizam paulatinamente, em conjunto, prática fundamental para a explicitação das estratégias e procedimentos que um leitor proficiente utiliza.
- b) leitura programada: a leitura que serve para a ampliação da proficiência leitora, sobretudo, no que se refere à extensão dos textos trabalhados ou à seleção de textos/livros mais complexos. Nela, o professor divide o texto em trechos que serão lidos um a um, autonomamente e, depois, comentados em classe em discussão coletiva.
- c) Leitura em voz alta feita pelo professor: é a leitura recomendada, sobretudo, para as classes de alunos não alfabetizados, como possibilidade de aprendizagem da linguagem escrita antes mesmo que tenham compreendido o sistema.
- d) leitura autônoma: é aquela que o aluno realiza individualmente, a partir de indicação de texto do professor. É uma modalidade didática que possibilita ao professor verificar qual a aprendizagem já realizada pelo aluno.
- e) leitura de escolha pessoal: é a leitura de livre escolha. O aluno seleciona o que quer ler, realiza a leitura individualmente e, depois, apresenta sua apreciação para os demais colegas. É uma leitura que possibilita a construção de critérios de seleção e de apreciação estética pessoais.
- f) projetos de leitura: trata-se de uma forma de organizar o trabalho que prevê a elaboração de um produto final voltado, necessariamente, para um público externo à sala de aula. As demais modalidades citadas costumam estar articuladas em projetos de leitura.

O fundamental na organização das atividades é procurar organizá-las de forma que se aproximem das práticas sociais de leitura não escolares.

Para finalizar, retomaremos a referência contida no título do texto: no processo de leitura e de ensino da leitura, *qual é a chave que se espera?*

Para o professor, a chave é múltipla: o conhecimento da natureza da leitura; o conhecimento dos procedimentos e estratégias de leitura utilizados pelos leitores proficientes; o reconhecimento de si como leitor proficiente; o agir como leitor proficiente junto aos seus alunos.

Para o aluno, a chave é una, mas não menos complexa: a apropriação das estratégias e procedimentos utilizados pelos leitores proficientes, e sua utilização eficaz nas práticas sociais de que participar.

Estas, as chaves *necessárias*.